

LISA KLEYPAS

DE REPENTE UMA

noite de paixão



ARQUEIRO

DE REPENTE UMA
noite de paixão



O Arqueiro

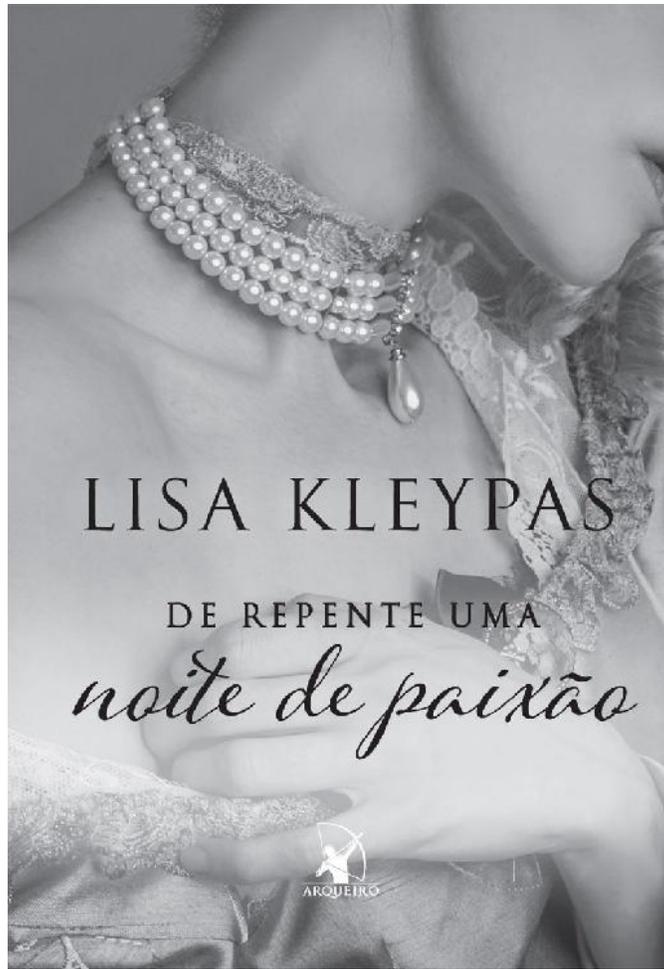
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



LISA KLEYPAS

DE REPENTE UMA

noite de paixão



ARQUEIRO

Título original: *Suddenly You*

Copyright © 2001 por Lisa Kleypas

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Suelen Lopes

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Malgorzata Maj / Arcangel

adaptação para ebook: Hondana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

K55d Kleypas, Lisa

De repente uma noite de paixão [recurso eletrônico]/ Lisa Kleypas;
tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: Suddenly you

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso:
world wide web

ISBN 978-85-306-0126-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II.
Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para o meu irmão, Ki,
pelo amor, compreensão e apoio
constantemente,
e por estar sempre presente quando preciso
de você.
Tenho muita sorte de ser sua irmã.*

– L.K.

Prólogo

Londres

Novembro de 1836

— **Q**ual é o seu estilo preferido, Srta. Briars? Gostaria que seu homem tivesse cabelos claros ou escuros? Altura mediana ou bem alto? Inglês ou estrangeiro?

A madame era de um profissionalismo impressionante, como se elas estivessem decidindo sobre um prato a ser servido em um jantar e não sobre um homem a ser contratado para a noite.

As perguntas fizeram Amanda se encolher por dentro. Ela sentiu o rosto arder até as bochechas formigarem e se perguntou se os homens se sentiam dessa forma na primeira vez em que visitavam um bordel. Por sorte, aquele bordel em particular era bem mais discreto e mobiliado com muito mais bom gosto do que ela tinha imaginado. Não havia quadros obscenos ou gravuras vulgares, e nenhum cliente ou prostituta à vista. O estabelecimento da Sra. Bradshaw era bem bonito, com as paredes cobertas de um damasco verde-musgo, a sala de recepção privada cheia de confortáveis peças de mobília em estilo Hepplewhite. Uma pequena

mesa de tampo de mármore fora elegantemente posicionada ao lado de um sofá estilo imperial com uma estampa de escamas douradas.

Gemma Bradshaw pegou um pequeno lápis dourado e um caderninho que estava na beirada da mesa e encarou Amanda na expectativa.

– Não tenho um estilo preferido – disse Amanda, mortificada, mas com determinação. – Vou confiar no seu julgamento. Apenas mande alguém na noite do meu aniversário, daqui a uma semana.

Por algum motivo, a Sra. Bradshaw achou aquilo muito divertido.

– Como um presente para si mesma? Que ideia deliciosa. – Ela encarou Amanda com um sorriso lento, que iluminou seu rosto anguloso. A madame não era uma beldade, sequer era bonita, mas tinha a pele muito lisa, cabelos ruivos bem-cuidados e um corpo alto e voluptuoso. – Srta. Briars, posso perguntar se é virgem?

– Por que quer saber? – devolveu Amanda, em tom cauteloso.

A Sra. Bradshaw arqueou uma das sobrancelhas ruivas e perfeitamente delineadas em uma expressão bem-humorada.

– Se realmente deseja confiar no meu julgamento, Srta. Briars, devo estar ciente das particularidades da sua situação. Não é comum uma mulher como a senhorita procurar o meu estabelecimento.

– Pois bem. – Amanda respirou fundo e falou rapidamente, movida por algo mais próximo do desespero do que do bom senso

que sempre se orgulhara de ter. – Sou uma solteirona, Sra. Bradshaw. Daqui a uma semana completarei 30 anos. E, sim, ainda sou v-virgem... – Ela engasgou com a palavra, mas continuou com determinação: – Mas isso não significa que deva permanecer assim. Vim procurá-la porque é de conhecimento geral que a senhora é capaz de providenciar qualquer coisa que um cliente pedir. Sei que deve ser uma surpresa ver uma mulher como eu aqui e...

– Minha cara – interrompeu a madame com uma risadinha discreta –, há muito tempo nada mais me surpreende, mas creio que entendi bem o seu dilema e vou, sim, lhe garantir uma solução agradável. Então me diga... alguma preferência em relação à idade ou aparência? Algo de que goste, ou desgoste, em particular?

– Preferiria um homem jovem, mas não mais jovem do que eu. E também não velho demais. Não precisa ser belo, embora eu não deseje que seja desagradável à vista. E asseado – acrescentou Amanda quando um pensamento lhe ocorreu. – Na verdade, insisto em limpeza.

Com o lápis, a Sra. Bradshaw anotava tudo rapidamente no caderninho.

– Não imagino que isso venha a ser um problema – comentou, com um brilho nos belos olhos escuros, o que sugeria uma risada contida.

– Também insisto em discrição – apressou-se a dizer Amanda. – Se alguém um dia descobrir isso...

– Minha cara – interrompeu a Sra. Bradshaw, acomodando-se mais confortavelmente no sofá –, o que acha que teria sido do meu negócio se eu permitisse que a privacidade dos meus clientes fosse violada? Para seu conhecimento, meus funcionários atendem a alguns dos membros mais importantes do Parlamento, para não mencionar os lordes... e damas... mais abastados da alta sociedade. Seu segredo está a salvo, Srta. Briars.

– Obrigada – falou Amanda.

Ela se sentia dividida entre o alívio e o terror, e tinha a terrível desconfiança de que estava cometendo o maior erro de sua vida.

Capítulo 1

Amanda sabia exatamente por que o homem à sua porta era um amante profissional. Desde o momento em que ela o fizera entrar às pressas, como se estivesse abrigando um prisioneiro foragido, ele a encarara em um silêncio atônito. Obviamente lhe faltava a capacidade mental necessária para almejar uma ocupação mais intelectualmente desafiadora. Mas é claro que o homem não precisava do cérebro para prestar o serviço para o qual fora contratado.

– Rápido – sussurrou ela, ansiosa, puxando-o para dentro pelo braço musculoso. E bateu a porta assim que ele entrou. – Acha que foi visto por alguém? Não imaginei que você simplesmente apareceria na porta da minha casa. Os homens na sua profissão não são treinados para mostrar certa discrição?

– Na minha... profissão? – repetiu ele, perplexo.

Agora que ele estava escondido das vistas de qualquer passante, Amanda se permitiu encará-lo com atenção. Apesar de sua aparente lentidão mental, era muito bem-apessoado. Na verdade, era lindo, se é que era possível usar essa palavra para se

referir a uma criatura tão obviamente máscula. Ele era esguio e musculoso, os ombros tão largos que pareciam encobrir toda a largura da porta da frente. Os cabelos negros e brilhantes eram cheios e bem-cortados, e o rosto bronzeado cintilava com um barbear preciso. Além disso, tinha um nariz longo e reto e uma boca voluptuosa.

E olhos azuis impressionantes, de um tom diferente de qualquer outro que Amanda já vira – exceto, talvez, na loja de tintas, onde o químico local fervia anil e sulfato de cobre por dias até conseguir uma tinta de um tom azul tão escuro e intenso que se aproximava do violeta. E ainda assim os olhos daquele homem não tinham a qualidade angelical que normalmente se associaria a uma cor do tipo. Eram sagazes, experientes, como se vissem com frequência excessiva um lado da vida completamente desconhecido por Amanda.

Foi fácil entender por que mulheres pagavam pela companhia dele. A ideia de contratar aquela criatura tão máscula e de encher os olhos para uso particular era extraordinária. E tentadora. Amanda sentiu-se envergonhada pela reação secreta que teve a ele, as ondas de calor e os calafrios que percorreram seu corpo, o rubor ardente que dominou seu rosto. Havia, afinal, se resignado a ser uma solteirona digna... chegara mesmo a se convencer de que ser solteira lhe garantia uma enorme liberdade. No entanto, seu corpo enervante parecia não entender que, na idade dela, uma mulher não

deveria mais ser perturbada pelo desejo. Em uma época em que aos 21 anos as moças eram consideradas velhas, aos 30 elas certamente já haviam sido postas de lado. Amanda já tinha passado do seu auge, não era mais desejável. Era uma “moça velha”, como as pessoas às vezes chamavam mulheres da sua idade. Se ao menos conseguisse se convencer a aceitar o próprio destino...

Amanda se forçou a encarar o homem bem no fundo de seus extraordinários olhos azuis.

– Pretendo ser franca, senhor... Não, não importa, não me diga seu nome, não vamos nos relacionar pelo tempo necessário para exigir apresentações. Veja bem, a questão é que tive tempo para pensar melhor sobre a decisão que tomei um tanto precipitadamente, e o fato é que... bem, mudei de ideia. Por favor, não veja isso como uma afronta pessoal. Não tem nada a ver com o senhor, ou com a sua aparência, e vou me certificar de deixar isso claro para a sua patroa, a Sra. Bradshaw. O senhor é um homem muito bonito e pontual, e não tenho dúvidas de que é muito bom em... bem, no que faz. Mas a verdade é que cometi um erro. Todo mundo erra, certo? Eu com certeza não sou exceção. Muito de vez em quando, cometo algum errinho de julgamento...

– Um segundo. – Ele ergueu a enorme mão em um gesto defensivo, o olhar firme fixo no rosto ruborizado de Amanda. – Pare de falar.

Ninguém na vida adulta dela lhe dissera para parar de falar. Mas a surpresa fez Amanda se calar e se esforçar para conter a enxurrada de palavras que ameaçava escapar de seus lábios. O estranho cruzou os braços na frente do peito musculoso e apoiou as costas contra a porta para encará-la. Sob o brilho da luminária no minúsculo hall de entrada da elegante casa de Amanda em Londres, os longos cílios dele projetavam sombras em seus malaras.

Amanda não pôde deixar de pensar que a Sra. Bradshaw tinha um gosto excelente. O homem que ela mandara parecia um cavalheiro. Era surpreendentemente bem-arrumado, vestido em roupas elegantes e bastante tradicionais: um paletó preto, calça cinza-chumbo e sapatos pretos engraxados à perfeição. A camisa engomada era branca como a neve em contraste com a pele morena, e a gravata de seda cinza estava arrumada em um nó simples e perfeito. Até aquele momento, se pressionada a descrever o homem ideal, Amanda o teria descrito como louro, de pele clara e ossos delicados. Agora, se via forçada a rever inteiramente essa opinião. Nenhum Apolo de cabelos louros seria páreo para o homem grande e robusto diante dela.

– A senhorita é Amanda Briars – disse ele, como se exigindo uma confirmação. – A romancista.

– Sim, escrevo romances – retrucou ela, com paciência forçada.
– E o senhor é o cavalheiro que a Sra. Bradshaw enviou a meu pedido, não é?

– Pareço ser – falou ele, lentamente.

– Bem, eu lhe peço desculpas, senhor... não, não, não me diga. Como expliquei, cometi um erro e acho que o senhor deve ir embora. Naturalmente, pagarei por seus serviços, embora eles já não sejam mais necessários, já que a culpa é toda minha. Só me diga quanto costuma cobrar e acertaremos o assunto imediatamente.

Como o homem continuou a encarar Amanda, ela viu a expressão dele mudar, o divertimento dando lugar ao fascínio, os olhos azuis cintilando com um humor malicioso que mexeu com os nervos dela.

– Diga, por favor, que serviços foram requisitados – sugeriu ele gentilmente, afastando-se da porta. Então se aproximou mais de Amanda, até seu corpo quase encobrir o dela. – Temo não ter discutido os detalhes com a Sra. Bradshaw.

– Ah, apenas o básico. – A postura de Amanda desabava rapidamente a cada segundo. Ela sentia o rosto quente e seus batimentos acelerados pareciam reverberar por todo o corpo. – O de sempre.

Sem de fato ver, ela se virou para a mesa de madeira acetinada, em formato de meia-lua, que estava encostada à parede. Em cima dela havia um maço de cédulas cuidadosamente dobradas.

– Sempre pago as minhas dívidas, e acabei dando trabalho ao senhor e à Sra. Bradshaw por nada, por isso estou mais do que

disposta a compensá-los...

Amanda se deteve e deixou escapar um som estrangulado quando sentiu a mão do homem se fechar ao redor de seu braço. Era inimaginável que um estranho tocasse qualquer parte do corpo de uma dama. Ainda mais inimaginável, é claro, era que uma dama recorresse ao expediente de contratar um amante de aluguel, mas fora exatamente o que ela fizera. Arrasada, Amanda decidiu que se enforcaria antes de fazer algo tão tolo de novo.

Seu corpo enrijeceu sob o toque do estranho, e ela não ousou se mover enquanto ouvia a voz dele junto à nuca.

– Não quero dinheiro. – A voz profunda tinha um toque de humor sutil. – Serviços que não foram realizados não são cobrados.

– Obrigada. – Ela cerrou os punhos com força. – É muito gentil da sua parte. Mas me permita ao menos alugar-lhe um cavalo. Não há necessidade de o senhor voltar para casa a pé.

– Ah, ainda não pretendo partir.

Amanda ficou boquiaberta. Então encarou o homem, horrorizada. Como assim, ele não pretendia partir? Ora, seria convidado a fazê-lo, querendo ou não! Ela considerou rapidamente as opções que tinha, mas, infelizmente, eram poucas. Tinha dado a noite de folga ao criado, à cozinheira e à camareira. Nessa frente não conseguiria ajuda. E com certeza gritar pedindo socorro a um policial não era uma opção viável. A exposição poderia ser prejudicial para a carreira dela, e seus livros eram o único meio de

sustento da casa. Amanda reparou em um guarda-chuva com cabo de madeira, no apoio de porcelana perto da porta, e se moveu naquela direção o mais discretamente possível.

– Está planejando me expulsar à força usando aquilo? – perguntou o convidado indesejado, em tom educado.

– Se necessário.

A confirmação foi recebida com uma risadinha divertida, e o homem tocou o queixo de Amanda, para que ela erguesse o olhar para ele.

– Senhor! – exclamou Amanda. – Se importa...

– Meu nome é Jack. – O vislumbre de um sorriso surgiu nos lábios dele. – E em breve irei embora, mas não antes de discutirmos algumas coisas. Tenho algumas perguntas para a senhorita.

Ela deixou escapar um suspiro de impaciência.

– Sr. Jack, não tenho dúvidas quanto a isso, mas...

– Me chame só de Jack.

– Muito bem... Jack. – O olhar de Amanda agora era severo. – Agradeceria se fizesse a gentileza de partir imediatamente!

Ele se adiantou a passos lentos pelo hall de entrada, parecendo relaxado, como se Amanda o tivesse convidado para o chá. Ela se viu forçada a reconsiderar a impressão que tivera à primeira vista, de que realmente se tratava de um homem de capacidade de compreensão lenta. Depois que Jack se recompusera da surpresa

de ser puxado tão rapidamente para dentro da casa dela, sua inteligência mostrava rápidos sinais de recuperação.

Com um breve olhar crítico, o estranho esquadrinhou a casa, reparando nas peças em estilo clássico que mobiliavam a sala de estar, decorada em tons de creme e azul, e no console de mogno nos fundos do hall de entrada, acima do qual havia um espelho emoldurado. Se Jack estava procurando por enfeites elegantes, ou por sinais óbvios de riqueza, se desapontara. Amanda não suportava pretensão ou falta de praticidade, e por isso escolhera sua mobília por funcionalidade, não por estilo. Para ela, cadeiras precisavam ser grandes e confortáveis. Um aparador tinha que ser firme o bastante para sustentar uma pilha de livros, ou uma luminária grande. Amanda não gostava de objetos dourados ou de pratos decorativos de porcelana, nem de todos os entalhes e hieróglifos que estavam na moda.

Quando o visitante parou perto da porta da sala de visita, Amanda falou secamente:

– Como parece que o senhor vai agir como lhe convém, sem levar em consideração o que desejo, entre logo e sente-se. Deseja beber alguma coisa? Uma taça de vinho, talvez?

Embora o convite tivesse sido feito com o mais puro sarcasmo, Jack aceitou com um rápido sorriso.

– Sim, se me fizer companhia.

O relance dos dentes muito brancos e o brilho inesperado do sorriso dele provocaram uma estranha sensação em todo o corpo de Amanda, como um banho de água quente em um dia cinza de inverno. Amanda estava sempre com frio. O clima úmido e escuro de Londres parecia penetrar em seus ossos e, apesar de não economizar em aquecedores para os pés, mantas de colo, banhos quentes e chás temperados com conhaque, nunca estava completamente aquecida.

– Talvez eu tome um pouco de vinho – disse, para a própria surpresa. – Por favor, sente-se, senhor... hum, quero dizer, Jack. – Ela lançou um olhar irônico ao visitante. – Como está na minha sala de visitas agora, pode muito bem me dizer seu nome completo.

– Não – respondeu ele calmamente, com o brilho divertido ainda nos olhos. – Tendo em vista as circunstâncias, acho que permaneceremos na base do primeiro nome... Amanda.

Ora, certamente não faltava ousadia ao homem! Ela gesticulou abruptamente para que ele se sentasse enquanto ia até o aparador. No entanto, Jack permaneceu de pé até ela servir uma taça de vinho tinto para cada um. Só depois que Amanda ocupou o sofazinho de mogno, ele finalmente se acomodou em uma poltrona próxima a ela. A luz do fogo na lareira de mármore bem-abastecida cintilava nos cabelos negros dele e na sua pele lisa e dourada. Jack irradiava saúde e juventude. Na verdade, Amanda começou a

desconfiar seriamente se ele não seria alguns anos mais novo do que ela.

– Devo fazer um brinde? – perguntou o convidado.

– Você obviamente deseja fazer isso – retrucou ela, com ironia.

Aquele sorriso ofuscante voltou a iluminar o rosto dele, que ergueu o copo na direção dela.

– A uma mulher de grande ousadia, imaginação e beleza.

Amanda não bebeu. Apenas franziu a testa para ele, que logo tomou um gole do vinho. Na verdade, ele deveria se envergonhar por forçar a entrada na casa dela, recusar-se a sair quando lhe fora pedido e então ficar zombando dela.

Amanda era uma mulher inteligente, honesta e consciente... Ou seja, sabia que não era nenhuma beldade. Seus encantos eram no máximo moderados, e isso só se a pessoa desconsiderasse completamente o ideal feminino vigente. Ela era baixa e, por mais que às vezes pudesse ser descrita como voluptuosa, no geral era definitivamente rechonchuda. Seus cabelos eram uma massa caótica e indomável de cachos castanho-avermelhados – cachos abomináveis que desafiavam qualquer tentativa de domá-los. Ah, a bem da verdade, Amanda tinha uma pele boa, sem marcas ou manchas, e seus olhos já haviam sido descritos como “agradáveis” por um amigo bem-intencionado da família. Mas eram de um cinza sem-graça, sem nuances de verde ou azul para iluminá-los.

Sem atributos físicos que a tornassem bela, Amanda optara por cultivar a mente e a imaginação, que, como a mãe dela previra com tristeza, haviam sido o golpe de misericórdia do destino.

Cavalheiros não queriam esposas com mentes bem-desenvolvidas. Queriam esposas atraentes, que nunca os questionassem nem discordassem deles. E com certeza não buscavam mulheres de imaginação vibrante, que sonhavam acordadas com personagens de livros. Assim, as duas irmãs mais velhas e mais bonitas de Amanda haviam conseguido se casar, e Amanda se dedicara a escrever romances.

O convidado indesejado continuou a encará-la.

– Por favor, me diga por que uma mulher com a sua aparência precisa contratar um homem para a sua cama.

A rudeza dele a ofendeu. No entanto, havia algo inesperadamente atraente na perspectiva de conversar com um homem que não se rendia ao comedimento que a sociedade costumava adotar.

– Antes de mais nada – disse Amanda, em tom sarcástico –, não há necessidade de ser condescendente comigo, sugerindo que eu seja a própria Helena de Troia quando é óbvio que não sou nenhuma beldade.

A declaração fez com que ela recebesse outro olhar demorado.

– Mas você é – disse ele, calmamente.

Amanda balançou a cabeça com determinação.

– Bem, pelo que vejo, está claro que ou me considera uma tonta que vai sucumbir facilmente a adulações ou seus padrões são realmente muito baixos. Seja como for, está errado.

Um sorriso curvou ligeiramente o canto da boca dele.

– Você não deixa muito espaço para discussão, não é mesmo? É decidida assim em todas as suas opiniões?

Ela respondeu ao sorriso dele com outro, também irônico.

– Lamentavelmente, sim.

– Acha lamentável ser decidida?

– Em um homem, essa é uma qualidade admirável. Em uma mulher, considera-se um defeito.

– Eu não considero. – Ele deu um gole no vinho e relaxou na poltrona, examinando-a enquanto esticava as longas pernas. Amanda não gostou do modo como ele pareceu estar se acomodando para uma longa conversa. – Não vou permitir que fuja da minha pergunta, Amanda. Explique por que contratou um homem para esta noite. – O olhar intenso a desafiou a cooperar.

Amanda percebeu que estava segurando a haste da taça com muita força e se forçou a afrouxar um pouco os dedos.

– É meu aniversário.

– Hoje? – Jack riu baixinho. – Ora, feliz aniversário.

– Obrigada. Pode ir embora agora, por favor?

– Ah, não. Não se eu sou o seu presente de aniversário. Vou lhe fazer companhia. Não vou deixar você sozinha em uma noite tão

importante. Agora me deixe adivinhar... hoje começa o seu 30º ano de vida.

– Como sabe a minha idade?

– É que as mulheres reagem estranhamente ao aniversário de 30 anos. Certa vez conheci uma que pendurou tecidos negros na frente de todos os espelhos no dia dessa celebração específica. Para todos os efeitos, era como se alguém tivesse morrido.

– Ela estava de luto pela perda da juventude – disse Amanda, de forma sucinta, e deu um longo gole no vinho, que a fez sentir uma onda de calor espalhar-se por seu peito. – Estava reagindo ao fato de ter se tornado uma mulher de meia-idade.

– Você não está na meia-idade. Está madura. Como um pêssego.

– Tolice.

Amanda estava aborrecida com o fato de que aqueles galanteios, por mais vazios que fossem, estivessem lhe provocando um ligeiro tremor de prazer. Talvez fosse o vinho, ou o fato de ele ser um estranho que ela nunca mais voltaria a ver depois daquela noite, mas a verdade era que Amanda subitamente se sentiu confortável o bastante para dizer o que quisesse àquele homem.

– Eu era madura dez anos atrás. Agora estou meramente conservada, e não demora muito até que seja enterrada de volta no pomar com outros caroços.

Jack riu e colocou o vinho de lado, então se levantou para tirar o paletó.

– Perdão – falou –, mas parece uma fornalha aqui dentro. Você sempre mantém a casa quente assim?

Amanda o observou com cautela.

– Está úmido lá fora, e estou sempre com frio. Na maior parte dos dias uso um gorro e um xale dentro de casa.

– Eu poderia sugerir outros métodos para se manter aquecida...

Sem pedir permissão, Jack sentou-se ao lado dela. Amanda se encolheu contra a lateral do sofazinho, agarrando-se ao que restava de sua compostura.

Por dentro, sentia-se alarmada pelo corpo masculino firme e tão próximo, e pela experiência nada familiar de se sentar ao lado de um homem em mangas de camisa. O perfume dele provocava seus sentidos e Amanda inspirou fundo aquele aroma sedutor... pele masculina, linho, uma nota leve e pungente de colônia cara. Ela nunca se dera conta de como um homem podia cheirar bem. O marido de nenhuma de suas irmãs tinha aquele aroma agradável. Ao contrário do homem ao lado dela, os cunhados eram respeitáveis e conservadores – um era professor de uma escola só para meninos e o outro um comerciante bem-sucedido, que fora criado na nobreza.

– Quantos anos você tem? – perguntou Amanda impulsivamente, franzindo a testa.

Jack hesitou brevemente antes de responder.

– Trinta e um. Você se preocupa muito com números, não é mesmo?

Ele parecia mais novo que 31 anos, pensou Amanda. No entanto, uma das injustiças da vida era que os homens raramente aparentavam a idade, ao contrário das mulheres.

– Esta noite estou preocupada com isso, sim – admitiu ela. – Mas amanhã meu aniversário terá passado e não vou mais pensar no assunto. Pretendo seguir tranquila pelos anos que me restam, tentando aproveitá-los ao máximo.

Jack pareceu achar engraçado o tom prático dela.

– Santo Deus, você fala como se estivesse com o pé na cova! É uma mulher atraente, uma romancista de renome, e está em seu auge.

– *Não sou atraente* – disse Amanda com um suspiro.

Jack apoiou o braço ao longo das costas do sofazinho, sem parecer se importar nem um pouco por estar ocupando a maior parte dele e encurralando-a em um canto. O olhar dele percorreu-a com uma atenção desconcertante.

– Você tem uma pele linda, o formato da sua boca é perfeito...

– Acho grande demais – retrucou Amanda.

Ele ficou encarando os lábios dela por um longo momento. Quando voltou a falar, sua voz saiu um pouco mais rouca do que antes.

– Sua boca é perfeitamente apropriada para o que eu tenho em mente.

– E sou rechonchuda – acrescentou ela, agora determinada a expor tudo que não lhe agradava.

– Perfeitamente curvilínea.

O olhar dele desceu para os seios dela na inspeção menos cavalheiresca a que Amanda já se vira submetida.

– E meus cabelos são lamentavelmente cacheados.

– São? Solte-os para que eu possa ver.

– O quê?

A ordem ultrajante a fez dar uma súbita gargalhada. Nunca conhecera um homem tão presunçoso.

Jack olhou ao redor da sala aconchegante, então voltou os olhos maliciosos para ela novamente.

– Estamos a sós, ninguém vai ver – disse baixinho. – Você alguma vez já soltou os cabelos para um homem?

O silêncio da sala só era interrompido pelo crepitar suave do fogo na lareira e pelo som da respiração deles. Amanda nunca se sentira daquela maneira antes, realmente com medo do que poderia fazer. Seu coração batia com tanta força que a deixou zozna. Ela balançou a cabeça brevemente em um movimento rígido. Jack era um estranho. Ela estava sozinha em casa com ele, e mais ou menos à sua mercê. Pela primeira vez em muito tempo se via em uma

situação sobre a qual não tinha qualquer controle. E tudo por culpa dela mesma.

– Por acaso está tentando me seduzir? – perguntou Amanda.

– Não precisa ficar com medo de mim. Eu jamais forçaria uma dama a aceitar as minhas atenções.

É claro, porque não haveria necessidade. Era muito provável que ele jamais tivesse ouvido um “não” saído da boca de uma mulher.

Aquela sem dúvida era a situação mais interessante em que Amanda já se encontrara. Sua vida havia sido espetacularmente monótona, e eram os personagens de seus romances que diziam e faziam todas as coisas proibidas que ela mesma nunca ousaria fazer.

Como se lesse seus pensamentos, o homem ao lado dela deu um sorriso lânguido e ergueu seu queixo com a mão. Se ele estava mesmo tentando seduzi-la, não tinha pressa alguma.

– Você é exatamente como eu imaginei – murmurou Jack. – Li seus romances... bem, o último, pelo menos. Não há muitas mulheres que escrevam como você.

Amanda em geral não gostava muito de comentar o próprio trabalho. Sentia-se desconfortável quando recebia elogios efusivos e ficava profundamente irritada com críticas. No entanto, estava muitíssimo curiosa sobre a opinião *daquele* homem.

– Eu não teria imaginado que um profiss... que um homem do seu... um *chichibéu* – disse Amanda –, lesse romances.

– Ora, precisamos fazer alguma coisa em nossas horas livres – explicou ele com sensatez. – Não podemos passar o tempo todo na cama. E, aliás, não é assim que se pronuncia essa palavra.

Amanda bebeu o que restava do vinho e olhou para o aparador, desejando mais.

– Ainda não – disse Jack.

Ele pegou a taça vazia da mão de Amanda e pousou-a sobre uma mesinha que estava logo atrás dela. O movimento o deixou bem acima de Amanda, que recuou o corpo até estar quase deitada no braço acolchoado do sofazinho.

– Não vou conseguir seduzir você se tiver bebido demais – murmurou Jack.

Amanda sentiu o hálito quente dele tocar seu rosto e, embora o corpo de Jack não estivesse de fato encostando no dela, foi possível sentir o peso pairando muito próximo.

– Não imaginei que tivesse esse tipo de escrúpulo – disse ela, abalada.

– Ah, eu não tenho escrúpulos – garantiu ele, em tom animado –, mas gosto de um desafio. E se você beber mais, será uma conquista muito fácil.

– Seu arrogante, vaidoso... – começou a dizer Amanda, indignada, até reparar no brilho travesso nos olhos de Jack e se dar conta de que ele a estava provocando de propósito. Ela se sentiu ao mesmo tempo aliviada e triste quando ele se afastou. Um sorriso

relutante surgiu em seus lábios. – Você gostou do meu romance? – perguntou então, sem conseguir resistir.

– Sim, gostei. A princípio, achei que seria a típica história de exaltação de nobres ricos. Mas gostei do modo como seus personagens bem-nascidos começam a se desconstruir. Gostei do retrato de pessoas decentes passando por decepções, violências, traições... você parece não evitar qualquer temática quando escreve.

– Os críticos dizem que falta decência no meu trabalho.

– Isso é porque seu tema básico, pessoas comuns capazes de coisas extraordinárias em suas vidas privadas, os deixa desconfortáveis.

– Você realmente *leu* o meu trabalho – disse Amanda, surpresa.

– E isso me faz imaginar que tipo de vida privada leva a decente Srta. Briars.

– Agora você sabe. Sou o tipo de mulher que contrata um *cichisbéu* para seu próprio aniversário.

A declaração melancólica foi recebida com uma risada abafada.

– Também *não* é assim que se pronuncia essa palavra. – Os olhos azuis sagazes a examinaram dos pés à cabeça e, quando ele voltou a falar, sua voz estava diferente. O bom humor agora ganhara um tom que, mesmo em sua inexperiência, Amanda reconheceu como puramente sensual. – Como você ainda não me pediu para ir embora... solte os cabelos.

Quando Amanda não se moveu e simplesmente ficou encarando Jack com os olhos arregalados, ele perguntou:

– Com medo?

Ah, sim. Durante toda a vida, Amanda temera aquilo... o risco, a possível rejeição, o papel ridículo... temera até o desapontamento de descobrir que a intimidade com um homem era realmente algo tão desprezível e repulsivo quanto suas irmãs haviam lhe garantido. No entanto, descobrira recentemente que havia algo que temia mais: não conhecer o irresistível mistério que todo mundo parecia já ter experimentado. Amanda descrevera tão bem a paixão em seus romances, o anseio, a loucura e o êxtase que isso inspirava, só que eram todas sensações que ela mesma nunca experimentara. E por quê? Amanda não tivera a boa sorte de ser amada tão loucamente por um homem a ponto de ele desejar juntar sua vida à dela. Mas isso significava que deveria permanecer para sempre rejeitada, sem que ninguém a desejasse, a arrebatasse? A vida de uma mulher podia ter cerca de vinte mil noites. Ao menos uma delas Amanda não queria passar sozinha.

Sua mão encontrou os grampos de cabelo como se tivesse vida própria. Amanda prendia os cabelos sempre do mesmo jeito havia pelo menos dezesseis anos. Para fazer o coque elegante ela torcera os cachos e os prendera em uma massa pesada. Eram necessários exatamente doze grampos para mantê-los firmes, bem apertados, como Amanda preferia. De manhã, os fios costumavam permanecer

relativamente esticados, mas, conforme o dia ia passando, pequenos cachos sempre brotavam por toda a cabeça, formando um halo indistinto ao redor do rosto dela.

Um grampo, dois, três... Amanda os retirava e os segurava até que as pontas começaram a machucar a palma macia de sua mão. Quando tirou o último grampo, os cabelos caíram pesadamente, os cachos longos se derramando por cima de um ombro.

Os olhos azuis de Jack guardavam um brilho ardente. Ele começou a estender a mão para os cabelos de Amanda, mas se deteve.

– Posso? – perguntou com a voz rouca.

Nenhum homem jamais pedira permissão para tocá-la antes.

– Pode – disse Amanda, embora tenha precisado de duas tentativas antes que a palavra saísse com clareza de seus lábios.

Ela fechou os olhos e sentiu que Jack se aproximava mais. Experimentou um formigamento no couro cabeludo quando ele passou a mão levemente pelos fios, separando os cachos. Os dedos de pontas largas se moveram entre as mechas grossas, acariciando o couro cabeludo, espalhando a manta de cachos pelos ombros de Amanda.

Então ele gentilmente separou os dedos dela, fazendo-a deixar cair os grampos de metal. Acariciou com o polegar as minúsculas marcas vermelhas que os grampos haviam deixado na palma e levou a mão dela à boca para beijar os pontinhos doloridos.

Com os lábios pressionados contra a palma da mão de Amanda, fazendo-a sentir o hálito quente em sua pele, ele disse:

– Suas mãos têm cheiro de limão.

Ela abriu os olhos e o encarou muito séria.

– Eu esfrego suco de limão para remover manchas de tinta.

Ele pareceu achar graça da informação e os olhos ardentes ficaram também bem-humorados. Jack soltou a mão de Amanda e brincou com um cacho de cabelo. Ela prendeu a respiração quando os nós dos dedos dele roçaram o ombro dela.

– Agora me diga por que requisitou um homem a madame Bradshaw em vez de seduzir um de seus conhecidos.

– Por três razões – respondeu ela, com muita dificuldade para articular as palavras enquanto tinha seus cabelos acariciados. Uma onda de calor coloriu seu pescoço e seu rosto. – Primeiro porque não queria dormir com um homem e depois ter que encará-lo para sempre em eventos sociais. Em segundo lugar, não tenho talento para seduzir ninguém.

– Esse tipo de talento aprende-se facilmente, pesseguinha.

– Que apelido ridículo – falou Amanda com uma risada insegura.

– Não me chame assim.

– E em terceiro lugar... – encorajou ele, lembrando-a de retomar a explicação.

– Em terceiro lugar... não me sinto atraída por nenhum cavalheiro que conheço. Tentei imaginar como poderia ser, mas

nenhum deles me atraiu dessa maneira.

– Que tipo de homem a atrai, então?

Amanda se sobressaltou ligeiramente ao sentir a mão quente de Jack encontrar sua nuca.

– Ora... bem, não um que seja belo.

– Por quê?

– Porque a beleza vem sempre acompanhada de vaidade.

Jack sorriu.

– E suponho que a feiura venha acompanhada de várias virtudes.

– Eu não disse isso – protestou Amanda. – É só que eu preferiria um homem de aparência comum.

– E o caráter dele?

– Simpático, sem ser prepotente. Inteligente, mas não presunçoso. E bem-humorado, mas não tolo.

– Acho, pesseguinha, que seu ideal de homem é um paradigma de mediocridade. E acho que você está mentindo sobre o que realmente quer.

Amanda arregalou os olhos e franziu a testa, irritada.

– Pois fique sabendo que sou honesta até demais.

– Então me diga que não deseja conhecer um homem como um dos personagens dos seus romances. Como o herói do seu último livro.

Amanda deu uma risadinha debochada.

– Um bruto sem princípios que desgraça a si mesmo e a todos ao seu redor? Um homem que se comporta como um bárbaro e conquista uma mulher sem demonstrar o menor respeito pelos desejos dela? Fique sabendo que ele não é um herói e que o criei para ilustrar que nada de bom pode resultar de tal comportamento. – O assunto a deixou acalorada, e Amanda prosseguiu, indignada: – E os leitores ousaram reclamar que não houve um final feliz, quando estava mais do que claro que ele não merecia um final feliz!

– Uma parte de você gostava dele – declarou Jack, encarando-a com intensidade. – Percebi isso em seu texto.

Amanda deu um sorriso amarelo.

– Bem, no reino da fantasia, suponho que sim. Mas com certeza não na realidade.

A mão atrás da nuca de Amanda segurou-a com mais firmeza, embora ainda gentil.

– Então aqui está seu presente de aniversário, Amanda. Uma noite de fantasia.

Jack pairou acima dela, a cabeça e os ombros largos bloqueando a visão da lareira quando se inclinou para beijá-la.

Capítulo 2

— **E**spere! – disse Amanda em um lampejo de pânico, e virou a cabeça quando viu a boca de Jack se aproximando da dela. Os lábios dele roçaram seu rosto com um calor tão íntimo que a deixou perplexa. — Espere – repetiu, a voz hesitante.

O rosto de Amanda estava completamente voltado para o fogo, o brilho amarelado ofuscando-a enquanto tentava evitar os beijos exploratórios daquele desconhecido. A boca de Jack roçou gentilmente o rosto dela e seguiu em direção à orelha, deixando-a arrepiada.

— Você já foi beijada, Amanda?

— É claro que sim – disse ela, com um orgulho cauteloso.

Mas parecia não haver como explicar que os beijos que já experimentara não haviam sido nem remotamente parecidos com aquilo. Um beijo roubado em um jardim, outro, desanimado, embaixo da decoração natalina. Não eram nada comparáveis a ser envolvida pelos braços de um homem, sentir seu perfume e o calor da pele dele através do linho da camisa.

– Eu... eu acho que você é muito talentoso nisso – acrescentou Amanda. – Considerando a sua profissão.

Isso arrancou um sorriso largo dele.

– Gostaria de descobrir?

– Primeiro, quero perguntar uma coisa. Há quanto... há quanto tempo você faz isso?

Ele compreendeu imediatamente a que ela se referia.

– Há quanto tempo trabalho para a Sra. Bradshaw? Muito pouco tempo.

Amanda se perguntou o que levaria um homem como aquele a se prostituir. Talvez tivesse perdido o emprego, ou sido dispensado por cometer um erro. Talvez tivesse acumulado dívidas e precisasse de dinheiro extra. Com a aparência que tinha, a desenvoltura e a boa apresentação, havia muitas ocupações nas quais se encaixaria muito bem. Ou Jack estava realmente desesperado ou era preguiçoso e dissoluto.

– Você tem família? – perguntou ela.

– Ninguém que valha a pena comentar. E você?

Ao perceber a mudança de tom dele, Amanda o encarou. Os olhos de Jack estavam sérios e seu rosto era de uma beleza tão austera que a mera visão fez o peito dela doer de prazer.

– Meus pais faleceram – disse Amanda –, mas tenho duas irmãs mais velhas, ambas casadas, e sobrinhos e sobrinhas demais para contar.

– Por que não se casou?

– Por que *você* não se casou? – contra-atacou ela.

– Gosto demais da minha independência para abrir mão de qualquer parte dela.

– Essa também é a minha razão – afirmou Amanda. – Além do mais, qualquer um que me conheça vai confirmar que sou intransigente e obstinada.

Ele deu um sorriso lento.

– Você só precisa ser manejada do jeito certo.

– Manejada – repetiu ela em um tom sarcástico. – Talvez você queira explicar o que quer dizer com isso.

– Quero dizer que um homem que saiba o mínimo sobre as mulheres conseguiria deixá-la ronronando como uma gatinha.

A irritação se misturou a uma risada no peito de Amanda... que canalha, meu Deus! Mas ela não se deixaria enganar pela fachada de Jack. Embora seus modos fossem brincalhões, havia algo mais ali – algo como uma capacidade de observação minuciosa e paciente, um poder contido – que deixava os nervos de Amanda em alerta. Jack não era um rapaz inexperiente, era um homem plenamente maduro. E, embora ela não fosse uma mulher experiente, percebia pelo modo como ele a encarava que ele queria alguma coisa dela, fosse submissão, favores sexuais ou simplesmente dinheiro.

Jack sustentou o olhar de Amanda, levou a mão à gravata de seda cinza ao redor do pescoço e desamarrou-a lentamente, como se temesse que qualquer movimento súbito pudesse assustá-la. Enquanto ela o fitava com os olhos arregalados, ele abriu os primeiros três botões da camisa, então afastou-se e examinou o rosto ruborizado dela.

Na infância, Amanda ocasionalmente vira de relance os pelos grisalhos no alto do peito do pai quando ele andava pela casa de roupão, e é claro que vira operários e fazendeiros com a camisa desabotoada. No entanto, não conseguia se lembrar de já ter visto nada como aquilo – um homem cujo peito parecia ter sido esculpido em bronze, os músculos tão definidos e fortes que literalmente cintilavam. A pele parecia rígida e ainda assim cálida, a luz do fogo dançava e projetava sombras nos músculos e na reentrância triangular na base do pescoço.

Amanda queria tocá-lo. Queria colar a boca àquela reentrância intrigante e inspirar mais daquele perfume irresistível.

– Vem aqui, Amanda. – A voz dele saiu baixa e rouca.

– Eu... eu não posso – disse ela, hesitante. – Acho que você deve ir embora agora.

Jack se inclinou para a frente e segurou-a pelo pulso com gentileza.

– Não vou magoar você – sussurrou ele. – Nem fazer nada que não lhe agrade. Mas antes de eu ir embora, vou segurá-la em meus

braços.

Confusão e desejo se debatiam dentro dela, fazendo com que se sentisse desamparada e indefesa. Amanda permitiu que ele a puxasse até que seus braços e pernas, tensos e curtos, estivessem colados aos dele, muito mais longos. Jack deixou a palma da enorme mão correr pelas costas dela, e Amanda experimentou uma onda de sensações. A pele dele era quente, como se chamas ardessem logo abaixo da superfície lisa e dourada.

A respiração dela agora saía em arquejos, e Amanda fechou os olhos, trêmula, deleitando-se com o calor que se espalhava até os seus ossos. Pela primeira vez na vida, deixou a cabeça encostar na curva do braço de um homem, e levantou os olhos para o rosto dele, oculto pelas sombras.

Quando Jack sentiu o tremor dos membros dela, deixou escapar um sussurro suave e acomodou-a mais junto ao corpo.

– Não tenha medo, *mhuirnin*. Não vou magoá-la.

– Do que me chamou? – perguntou ela, atordoada.

Ele sorriu.

– É uma palavra carinhosa. Eu não mencionei que sou meio-irlandês?

Aquilo explicava o sotaque, o tom elegante e culto temperado com uma espécie de suavidade musical que devia ser de origem céltica. E também explicava por que procurara a Sra. Bradshaw em busca de emprego. Com frequência, comerciantes e empresas

preferiam contratar ingleses menos qualificados a irlandeses, relegando aos celtas os trabalhos mais servis e subalternos.

– Alguma aversão a irlandeses? – perguntou Jack, encarando-a com intensidade.

– Ah, não – disse Amanda, zozna. – Estava só pensando... deve ser por isso que seus cabelos são tão negros e seus olhos tão azuis.

– *A chuisle mo chroi* – murmurou ele, afastando os cachos do rosto redondo dela.

– O que significa isso?

– Um dia eu conto. Um dia.

Jack a abraçou por um longo tempo, até Amanda se sentir impregnada do calor dele, cada terminação nervosa do corpo plena e relaxada. Os dedos dele deslizaram pela gola alta do vestido de listras marrom e laranja, até os botões que começavam onde as pregas da musselina haviam sido costuradas de modo a formar um pequeno babado. Com muito cuidado e sem pressa alguma, ele abriu os primeiros botões, expondo o pescoço frio e macio de Amanda. Ela era incapaz de controlar a própria respiração. Os pulmões se expandiam em um ritmo inconstante, fazendo os seios se empinarem. Jack inclinou a cabeça sobre a dela e Amanda deixou escapar um som inarticulado quando sentiu a boca dele pressionando seu pescoço, os lábios investigando-o delicadamente.

– Você tem um sabor tão doce... – As palavras sussurradas fizeram um arrepio percorrer as costas dela.

Por algum motivo, sempre que imaginava um momento de intimidade como aquele com um homem, Amanda pensava em escuridão, urgência, mãos tateando. Não imaginara a claridade da lareira, calor e aquela sedução paciente. Os lábios de Jack seguiram lentamente do pescoço de Amanda até a abertura sensível da orelha. Deixavam uma trilha aveludada, brincavam delicadamente com a pele dela, e por fim Jack enfiou a ponta da língua em sua orelha.

– Jack... – sussurrou Amanda. – Você não precisa encenar o papel de amante para mim. Sinceramente... é gentil da sua parte fingir que sou desejável, e você...

Ela sentiu o sorriso dele contra o ouvido.

– Você é muito inocente, *mhuirnin*, se acha que o corpo de um homem reage desse jeito por gentileza.

À medida que ele falava, Amanda sentiu uma pressão íntima contra o quadril e imediatamente ficou imóvel. O rosto dela ardeu e seus pensamentos se embaralharam como flocos de neve varridos pelo vento. Estava mortificada... e extremamente curiosa. Com as pernas entrelaçadas às dele, as saias erguidas até os joelhos, sentia a extensão poderosa das coxas de Jack e a rigidez de sua ereção. Nunca estivera colada ao corpo excitado de um homem antes.

– Essa é a sua chance, Amanda – murmurou ele. – Sou seu para agir como você desejar.

– Não sei o que fazer – respondeu ela, hesitante. – Por isso contratei você.

Ele riu e beijou o pescoço dela, onde uma veia pulsava em ritmo frenético. A situação parecia fantástica para Amanda, tão completamente diferente de tudo que já experimentara que se sentia como se fosse outra pessoa. A solteirona com suas penas e seus papéis, os dedos manchados de tinta, as toucas de velha senhora e as jarras para aquecer os pés fora substituída por uma mulher delicada... vulnerável... capaz de desejar e ser desejada.

Amanda percebeu, então, que sempre tivera um pouco de medo dos homens. Algumas mulheres compreendiam o sexo oposto com muita facilidade, mas isso sempre lhe escapara. Tudo o que sabia era que, mesmo no auge de sua juventude, os homens nunca haviam flertado muito com ela. Conversavam sobre assuntos sérios e a tratavam com respeito e decoro – sem jamais suspeitar de que ela teria gostado que fizessem um ou dois avanços inapropriados.

E agora ali estava aquele homem fantástico, inquestionavelmente um canalha, que parecia mais do que interessado na perspectiva de ver o que havia embaixo das saias dela. Por que não deveria permitir que Jack a beijasse e acariciasse? Que bem isso faria à virtude dela? A virtude era uma

companheira de cama muito fria... Amanda sabia disso melhor do que ninguém.

Então ela tomou coragem, segurou Jack pelas laterais abertas da camisa e trouxe a cabeça dele para junto da dela. Ele cedeu na mesma hora e sua boca roçou a de Amanda. Ela sentiu um choque de calor, uma onda de prazer que a paralisou. O corpo dele a pressionou com um pouco mais de intensidade, a boca provocou mais, insistindo até fazer os lábios dela se entreabrirem. A língua de Jack acariciava a parte de dentro da boca de Amanda, e ela teria recuado diante da estranheza da sensação se sua cabeça não estivesse tão bem encaixada na dobra do braço dele. O calor se espalhava do ventre para áreas do corpo que ela nem sequer conseguiria nomear. Então, ela esperou que ele a saboreasse de novo... ah, o modo como Jack explorava sua boca era estranho, íntimo e empolgante, e ela não conseguiu evitar o gemido baixo que subiu por sua garganta. Seu corpo relaxou lentamente e ela levou as mãos à cabeça de Jack para acariciar os cabelos negros e sedosos, os cachos que afunilavam em sua nuca.

– Desabotoe a minha camisa – murmurou ele.

Jack continuou a beijá-la enquanto ela se atrapalhava com os botões do colete e da pala da camisa de linho. O tecido fino, amassado na barra que se encontrava para dentro da calça, estava quente e tinha o cheiro dele. A pele do torso era macia e dourada, o conjunto de músculos rígidos se contraindo a cada toque tímido de

Amanda. O corpo de Jack irradiava calor, atraindo-a como um gato é atraído por um cantinho ensolarado.

– Jack – sussurrou Amanda, ofegante, as mãos se esgueirando por baixo da camisa, pelas costas dele –, não quero ir além disso... eu... isso já basta como presente de aniversário para mim.

Ele deu uma risadinha e enfiou o nariz na lateral do pescoço dela.

– Está certo.

Ela se aconchegou contra o peito nu dele, ansiosa para absorver o máximo daquele calor e daquele cheiro.

– Isso... isso é terrível.

– Por que terrível? – perguntou ele, acariciando os cabelos dela, brincando com os cachos, o polegar se aventurando até a têmpora de Amanda, roçando o ponto frágil.

– Porque às vezes é melhor não saber o que se está perdendo.

– Meu bem – sussurrou Jack, roubando um beijo dos lábios dela.

– Meu bem... me deixe ficar com você um pouco mais.

Antes que ela pudesse responder, ele a beijou mais profundamente do que antes, as mãos grandes segurando gentilmente sua cabeça. Amanda esticou o corpo para se encostar mais à boca e ao corpo de Jack, querendo se grudar a ele o máximo possível. Uma agitação profunda, diferente de qualquer coisa que já experimentara, cresceu dentro dela, fazendo-a pressionar ainda mais o corpo contra o dele em uma tentativa de aplacar o anseio.

Jack era um homem forte, de ossos largos, capaz de dominá-la fisicamente com facilidade se fosse essa sua intenção, e ainda assim era de uma gentileza impressionante. Em algum lugar de sua mente, Amanda se perguntou por que não o temia como deveria. Fora ensinada desde pequena que não devia confiar nos homens, que homens são criaturas perigosas, incapazes de controlar as próprias paixões. Ainda assim, ela se sentia segura com aquele ali. Amanda pousou a mão no peito nu dele e sentiu seu coração bater rápido e forte.

Jack afastou o rosto do dela e a encarou com olhos tão escuros que já não pareciam mais azuis.

– Amanda, você confia em mim?

– É claro que não – disse ela. – Não sei absolutamente nada sobre você.

Ele deu uma gargalhada.

– Mulher sensata.

Os dedos dele começaram a abrir o corpete do vestido dela, manuseando com destreza os botõezinhos de marfim entalhado.

Amanda fechou os olhos. Sentia as batidas do coração se tornarem ao mesmo tempo superficiais e violentas, como o bater das asas de um pássaro em pânico. *Nunca mais o verei depois desta noite*, pensou. Se permitiria fazer coisas proibidas com aquele homem e, depois daquela noite, as manteria guardadas para sempre em um algum canto escondido da memória. Uma lembrança

apenas para ela. Quando estivesse velha, há muito acostumada aos anos de solidão, ainda teria a recordação de que, certa vez, passara uma noite com um belo estranho.

O tecido marrom listrado se abriu, revelando um espartilho ligeiramente estruturado, fechado na frente, e por dentro dele uma camisa de baixo feita de um algodão macio muito fino. Amanda se perguntou se deveria orientá-lo sobre como abrir o espartilho, mas na mesma hora ficou evidente que Jack estava familiarizado com o processo. Claramente aquele não era o primeiro espartilho que ele já havia encontrado na vida. Ela sentiu as costelas serem levemente pressionadas quando ele juntou as duas abas da peça e abriu a fileira de ganchinhos com uma facilidade milagrosa. Depois que Jack a fez passar os braços pelas mangas do vestido, Amanda ficou parada diante dele, com os seios cobertos apenas pelo algodão fino, quase transparente, da camisa de baixo, sentindo-se terrivelmente exposta. As mãos dela tremiam visivelmente com o esforço que fazia para não puxar o vestido para se cobrir.

– Está com frio? – perguntou Jack, preocupado, notando o tremor.

Então puxou-a para junto dele. Era um homem naturalmente cheio de vitalidade e o calor da pele dele atravessava a camisa de linho que usava. E Amanda começou a tremer por um motivo bem diferente.

Jack deslizou a alça da camisa de baixo pelo braço dela e levou os lábios à curva pálida do ombro de Amanda. Ele a tocava com gentileza, as costas dos dedos longos roçando logo acima dos seios arredondados. Jack virou a mão para baixo e a palma quente, ligeiramente úmida, envolveu a curva do seio, até o mamilo latejar docemente e se enrijecer. As pontas dos dedos brincavam com ele, acariciando-o por cima do algodão fino, beliscando-o com doçura. Amanda fechou os olhos e virou a cabeça o suficiente para pressionar a boca no rosto dele, fascinada com a textura ligeiramente áspera da bochecha. Os lábios dela vibraram à medida que desciam até o ponto do maxilar dele onde a aspereza dava lugar a uma pele mais macia e sedosa.

Ela ouviu Jack murmurar alguma coisa em gaélico, a voz indistinta e urgente, e ele segurou a cabeça dela com as duas mãos. Jack recostou o corpo de Amanda nas almofadas do sofá, então abaixou a cabeça sobre os seios dela. Capturou um deles com a boca e beijou-o através do tecido de algodão.

– Preciso de ajuda para tirar a sua camisa de baixo – pediu ele, a voz rouca. – Por favor, Amanda.

Ela hesitou, a respiração acelerada se misturando à dele, então moveu o corpo para soltar os braços das mangas. Sentiu Jack puxando a camisa de baixo até ela estar toda enrolada na altura da cintura dela, deixando a parte de cima do seu corpo totalmente

exposta. Parecia impossível que estivesse deitada no sofá com um homem que não conhecia, seminua, o espartilho jogado no chão.

– Eu não deveria estar fazendo isso – falou Amanda, a voz trêmula, tentando em vão cobrir os seios com as mãos. – Não deveria ter deixado que você passasse da porta da frente.

– É verdade.

Ele abriu um sorrisinho torto para ela, enquanto despiu totalmente a camisa, revelando um torso musculoso. Parecia perfeito e bem torneado demais para ser real. Uma tensão insuportável se acumulava dentro dela e Amanda precisou lutar contra a inibição e a modéstia quando Jack se inclinou por cima dela.

– Devo parar? – perguntou ele, aconchegando-a junto a seu corpo. – Não quero assustar você.

Ela pressionou o rosto no ombro dele e se deliciou com a incrível sensação das peles nuas se tocando. Nunca se sentira tão vulnerável, com tanta *vontade* de estar vulnerável.

– Não estou assustada – falou Amanda, a voz atordoada, deslumbrada, e afastou as mãos que mantinha entre seus corpos, fazendo os seios encostarem diretamente no peito dele.

Jack deixou escapar um grunhido de desejo e enfiou o rosto no pescoço dela. Ele a beijou e deixou a boca descer até cobrir todo o mamilo dela, a língua acariciando o bico sensível, fazendo Amanda morder o lábio ao sentir uma onda repentina de prazer. A ponta da

língua de Jack traçava movimentos circulares, saboreando, provocando, o calor de sua boca fazendo a pele dela arder em chamas. Ele passou então para o outro seio, e Amanda gemeu de frustração diante da lentidão das carícias que pareciam se demorar eternamente, como se o tempo não existisse e ele fosse passar a vida banquetecendo-se com o corpo dela.